



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 94

Programa de índio

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Eu preciso dizer que tenho uma certa dificuldade em resumir a história que você vai ouvir hoje. Porque são muitas histórias em uma.

É uma história sobre como uma coisa invisível pode se tornar visível. É uma história que tem a ver com o poder do rádio, dessas vozes que viajam pelo ar... É uma história que toca num momento da história recente brasileira: na saída da ditadura e na redemocratização, quando tudo parecia possível.

Mas essa história também é uma história de pai e filho.

Quem vai contar essa história – que são essas histórias todas – é o Idjahure Terena.

Idjahure Terena: Em meados do século vinte, uma ideia tava pairando no ar. Ela era uma ideia antiga, na verdade. Uma ideia que tava entre uma convicção e uma ameaça. A ideia de que os índios no Brasil iam acabar.

Essa é uma ideia que foi pensada, que foi falada e que foi até desejada por muita gente. Inclusive bem antes do século vinte.

Mas ela chegou a ser articulada até por um grande antropólogo brasileiro, o Darcy Ribeiro. Nos anos 50, o Darcy fez uma grande pesquisa sobre o estado dos povos indígenas no Brasil. E ele viu que só nas cinco décadas anteriores, mais de 80 etnias tinham desaparecido.

Beto Ricardo: E chegou à seguinte conclusão: que os índios estavam diminuindo, e que as identidades específicas estavam cedendo para as identidades genéricas.

Idjahure Terena: Esse, que a gente ouviu agora, é o Beto Ricardo. Ele é socioambientalista, indigenista, antropólogo...

Mas o Darcy Ribeiro, que fique claro, não queria que os indígenas brasileiros acabassem. Só que era isso que as pesquisas dele estavam indicando.

Em algum momento, não se sabia quando, ia deixar de ter povos indígenas, no plural, no Brasil. Não era só que as populações indígenas estavam declinando – que eles ainda estavam sucumbindo a doenças e a ataques...

Mas que, com as pressões do avanço da dita civilização, eles estavam perdendo a língua, a cultura, o modo de vida. Eles estavam perdendo a identidade. E isso é um outro jeito de morrer.

Essa conclusão foi publicada num livro do Darcy Ribeiro de 1970, chamado “Os índios e a civilização”. E foi bem nessa época que esse cara que a gente tá ouvindo, o Beto Ricardo, estava virando antropólogo. Era um momento em que as populações indígenas estavam nessa ladeira abaixo.

E também era um momento em que o governo militar estava planejando começar uma série de obras faraônicas pelo interior do país. Planos faraônicos que eram baseados na ideia de “vazio demográfico” – de que já não tinha gente nesses lugares.

Beto Ricardo: Havia uma grita com relação aos impactos que iam gerar essas grandes obras de hidrelétricas, de estradas e tal. Então, era absolutamente urgente fazer um levantamento do estado da situação e pudesse acompanhar o que iria acontecer nessas regiões.

Idjahure Terena: Em 1974, o Beto Ricardo se juntou ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação, mais conhecido como Cedi.

O Cedi era uma ONG antes desse termo "ONG" existir, do jeito que a gente usa hoje. Era um grupo da sociedade civil dedicado à defesa dos direitos humanos e era ativo em muitas frentes – inclusive na defesa dos povos indígenas.

Quando o Beto entrou no Cedi, eles tavam às voltas com uma missão que era, ao mesmo tempo, muito simples e muito complicada: era entender quem e quantos eram esses povos indígenas.

Beto Ricardo: Os índios estavam invisíveis na cena pública, e nós começamos o trabalho de uma maneira muito singela.

Idjahure Terena: O trabalho era refazer aquela pesquisa do Darcy Ribeiro. Porque os dados dele eram da década de 50 – quer dizer: já tinham se passado uns vinte anos. Então o Beto pegou um caderno com um abecedário, tipo uma agenda, e começou a anotar todas as etnias indígenas de que ele tivesse notícia – nome, localização, população, língua... A partir daí, a ideia era ir a campo pra descobrir qual era a situação de cada comunidade. E, em 1978, o Cedi conseguiu financiamento pra começar esse levantamento pra valer.

Era uma tarefa gigantesca, continental. E ela ia ser levada a cabo por muita gente. Primeiro, o Cedi foi mapeando as pessoas que já tavam em campo, trabalhando com povos indígenas Brasil afora. E eles iam perguntando: “Tem alguém que tá indo pra região tal, pra aldeia tal?”

Beto Ricardo: Então, por exemplo, o Ricardo é médico, vai atender uma emergência lá nos índios X.

Idjahure Terena: Antes do Dr. Ricardo sair pra esse atendimento médico, o pessoal do Cedi dava uma ficha pra ele.

Beto Ricardo: A gente criou uma ficha padrão, que era por etnia, nome, língua, localização, população, histórico do contato, fonte de informação...

Idjahure Terena: Essa ficha tinha 59 perguntas. Era muita informação chegando de muitos lugares ao mesmo tempo. Não só das fichas, mas também de outras pesquisas, de cobertura de imprensa, enfim.

Beto Ricardo: A nossa rede de colaboradores chegou a ter quase mil pessoas.

Idjahure Terena: O Beto brinca que o Cedi inventou a rede social antes do Mark Zuckerberg inventar o Facebook. Eram antropólogos, indigenistas, linguistas, jornalistas, agentes de saúde, missionários... todo mundo correndo contra o tempo pra captar uma realidade que, se o Darcy tinha razão, podia tá escorrendo por entre os dedos.

Conforme os dados iam chegando, eles iam sistematizando e analisando, juntando as peças desse enorme quebra-cabeça.

Beto Ricardo: Quando a gente começou a juntar e formar a primeira imagem com dados alternativos, a gente acabou descobrindo que os índios não estavam desaparecendo. Estavam crescendo.

Idjahure Terena: As populações indígenas não só não estavam caindo. Elas tavam crescendo, e crescendo mais que a média nacional – o que significava que a presença indígena ia ser cada vez maior.

O time do projeto ia batendo esses dados com o levantamento do Darcy, dos anos 50... E eles encontravam aldeias que tinham se multiplicado. Povos supostamente extintos que tavam reaparecendo. E não era só que eles tavam vivos. Eles tavam reafirmando as identidades deles. As culturas deles.

Era como se os povos indígenas no Brasil só tivessem passado um tempo invisíveis.

Ailton Krenak: Hoje eu vejo um debate muito grande sobre invisibilidade, e parece que toda invisibilidade é ruim, né? Não, não. Alguma invisibilidade pode ser muito, muito, muito, muito boa para proteger contingentes inteiros de seres que são discriminados, e que, a priori, seriam aniquilados se dissessem o seu próprio nome.

Idjahure Terena: Esse é o Ailton Krenak.

(Acho que ele dispensa apresentações, né?). E, pra entender isso que o Ailton tá falando, a gente tem que recuar um pouco no tempo.

Eu perguntei pra ele quando que ele se deu conta que tinha essa ideia no ar – de que os índios iam desaparecer.

Ailton Krenak: Essa ideia me afetou de uma maneira gradual. Digamos assim, quanto mais eu me aproximava do sol, mais ele me queimava.

Idjahure Terena: O Ailton nasceu em 1953, no vale do Rio Doce. Ou, como o povo krenak chama o rio, o Watu. Na lembrança dele, o primeiro sinal de que o mundo como ele conhecia tava acabando... era um cheiro.

Ailton Krenak: O cheiro nauseante do caminhão a diesel e da graxa do caminhão. Eu não conhecia esse odor. Ele entrou na floresta como uma peste, apavorando a gente.

Idjahure Terena: O cheiro era o primeiro sinal. Depois vieram outros.

Ailton Krenak: O córrego que passava nos lugares onde eu vivia, ele começou a assorear. Agora ele parecia um regato. Ele estava ficando... pobre. E eu comecei a perceber que o mundo ao meu redor estava ficando pobre.

Idjahure Terena: Os Krenak já viviam confinados numa reserva que tinha sido estabelecida em 1922. Agora, nem essa terra tava sendo respeitada.

Ailton Krenak: E aquele cheiro de caminhão e aquelas serrarias chegando, e aquela sensação de ser invadido. Aquilo despertou em mim uma ira, uma espécie, assim, de fúria. Era uma fúria cega. Mas eu tinha uma vontade muito grande de matar os brancos. Eu devia estar com 11 anos quando a gente foi pela primeira vez despejado do lugar onde eu nasci. A gente teve que fazer a primeira fuga. E eu não tinha ideia se a gente ia voltar. Eu simplesmente estava indo.

Idjahure Terena: O Ailton e a família dele saíram de Minas pra periferia de São Paulo, e depois pro Paraná. Eles foram entrando num mundo mais pobre – e mais perigoso.

Ailton Krenak: Eu vi quando um Guarani-Kaiowá chamado Marçal de Souza, o Tupã, e levou um tiro desse tamanho que arreventou aquele frágil corpo dele para sempre. E num tempo em que os seus parentes

não podiam nem recolher seu corpo. Porque os nossos inimigos eram tão ferozes. Babavam ódio e podiam matar a gente de qualquer maneira.

Eu venho desse tempo. Eu fui forjado nesse universo de pessoas que levantavam a voz e desapareciam. Então eu sabia que a gente tinha que ter uma estratégia, que a gente não ia anunciar um movimento indígena de uma hora para outra.

Idjahure Terena: O Ailton fala na fundação de "um" movimento indígena, porque ele mesmo faz questão de dizer que movimento indígena no Brasil não é nenhuma novidade.

Em 1535, quando Cunhambebe juntou vários povos pra enfrentar os portugueses no litoral e formou a Confederação dos Tamoios, isso já era movimento indígena.

Ao longo da história desse território, povos indígenas se articularam em várias formas de resistência. E bem na mesma época em que o Cedi tava mapeando povos indígenas pelo país afora, tava começando uma mobilização nacional dos próprios povos.

Era uma reação, em grande parte, a um decreto de "emancipação" dos índios. Uma dessas excrescências que vivem assombrando a legislação brasileira, e que tem, no Marco Temporal, sua encarnação mais recente.

Dá pra resumir assim: com essa emancipação, os índios iam deixar de ser índios – e, portanto, iam deixar de ter direito às terras. Basicamente, iam ser emancipados dos seus direitos.

O Cimi, o Conselho Indigenista Missionário, já vinha apoiando a organização de assembleias de líderes indígenas país afora. Mas com essa ameaça da "emancipação", a mobilização deu uma acelerada.

Ailton Krenak: E os parentes decidiram uma hora que eles queriam ser a União das Nações Indígenas. E não demorou muito tempo. Do final da década de 70 a meados dos anos 80, a gente já era parentes organizados.

Idjahure Terena: A União das Nações Indígenas foi um marco.

A UNI – não confundir com a UNE, a União Nacional dos Estudantes – a UNI foi a primeira articulação pan-indígena, pluriétnica, a nível nacional. E foi também uma refutação muito clara a uma parte daquela tese do Darcy Ribeiro: a de que as identidades indígenas tavam esmaecendo.

Ailton Krenak: Essa pluralidade de línguas, de culturas, de modo de pensar mundo, cosmovisões... eles já tinham dado de barato que isso acabou. Que agora a gente tinha era "índios aculturados". Teve um ministro na ditadura que se referiu a Mário Juruna dizendo que ele era um "aculturado exótico".

Idjahure Terena: Se você não conhece o Mário Juruna, na década de 70, ele ficou famoso por andar pra cima e pra baixo em Brasília com um gravador, pra registrar as falas dos parlamentares e dos funcionários públicos em geral. A ideia dele era usar essa tecnologia pra gravar o que eles diziam e poder cobrar depois.

Em 82, o Mário Juruna se tornou o primeiro deputado federal indígena eleito no Brasil. E, pouco tempo depois disso, o Ailton pegou um gravador também. Mas não era pra gravar brancos. Era por um motivo totalmente diferente.

Ailton Krenak: Quando se anunciou a reabertura, saindo da ditadura para obter eleições, teve uma grande movimentação...

Idjahure Terena: Partidos políticos tavam surgindo. Os movimentos sociais tavam fervilhando.

Ailton Krenak: Era uma atividade social intensa, que sugere que se alguém tivesse ideias potentes e transformadoras tava na hora dela acontecer.

Idjahure Terena: Foram muitas as iniciativas que tavam surgindo. Foram muitos os momentos que marcaram essa primavera do movimento indígena. Mas tem uma história que eu gosto particularmente.

Ailton Krenak: A Universidade de São Paulo, ela tinha uma emissora. A maior parte do dia ela ficava tocando música clássica... E o novo reitor decidiu anunciar que ia mudar toda a programação da Rádio Universidade de São Paulo, abrindo uma chamada para que instituições públicas e movimento social pudessem propor pautas. Eu e meus colegas falamos: "Tá na hora do movimento indígena se anunciar. A gente não pode ficar escondido o tempo inteiro". Aí a gente fez uma proposta, que eu acho que alguns de nós fez aquela proposta

mais por provocação, tipo assim, “Vamos ver se cola”. A gente fez a proposta, avançaram as conversações, e a gente foi admitido para fazer de graça um programa para a Rádio Universidade de São Paulo.

Idjahure Terena: Foi assim que nasceu o programa de rádio que eu estudei no meu TCC.

Ailton Krenak: Durante quatro anos consecutivos, a gente fez o Programa de Índio.

Idjahure Terena: Esse nome é maravilhoso, né?

Ailton Krenak: "A Rádio Universidade de São Paulo apresenta: Programa de Índio". E a gente decidiu que a linha editorial da gente era o seguinte: uma entrevista com uma ou mais lideranças indígenas, música indígena e algumas notícias sobre o que estava acontecendo: ataques, violências, invasões contra os territórios indígenas que não saía em lugar nenhum na imprensa brasileira, que era uma imprensa que estava drogada pela ditadura, continuavam chapados pela ditadura. Então éramos nós que tínhamos que gritar. Inicialmente éramos eu e o Álvaro Tukano que deveríamos fazer a abertura no estúdio de todas as entrevistas. Só que o Álvaro não vivia, não parava lá em São Paulo. Eu acabei virando o rosto, a voz do Programa de Índio.

Idjahure Terena: O Ailton era o apresentador do programa, mas a voz dele não era a única, claro.

Ailton Krenak: E, curiosamente... Fofoca: eu estava no corredor da rádio, procurando alguém para fazer essa locução. "A Rádio Universidade de São Paulo..." Passa o William Bonner. Que se chamava William Bonemer... Jovem, bonitinho, 20 e poucos anos. E ele passa no corredor. Aí eu catei ele e falei: “Vem cá. Eu estou precisando de alguém para fazer a locução, para fazer a chamada do Programa de Índio. Senta ali”. Empurrei ele para dentro do estúdio. Ele sentou. Eu falei: “O texto é esse aqui” – e dei o texto para ele. Então eu brinco e costumo dizer que eu dei o primeiro emprego para o William Bonner. Se vocês abrirem o Programa de Índio, vocês vão ouvir o William Bonner falando. E as flautas, as flautas lindas, são as flautas Hô-êi-ê-tê, as flautas Suruí. E lindos.

Idjahure Terena: A gente sabe como é difícil ter acervo de rádio preservado no Brasil – que dirá de rádio independente universitária. Mas o Programa de Índio tem um acervo imenso, graças ao trabalho da Angela Pappiani. Ela desenvolveu o programa junto com o Ailton – eles eram casados na época – e a produtora dela, a

Ikorë, guardou e digitalizou muitas das transmissões. Tem mais de 150 edições no site da Ikorë hoje. Um pequeno milagre sonoro.

Então aí vai a aberturinha do programa na voz do Bonner, que eu sei que você tá doido pra ouvir:

William Bonner [Programa de Índio]: *A Rádio USP apresenta: Programa de Índio. Um trabalho do Núcleo de Cultura da União das Nações Indígenas.*

Idjahure Terena: No meu TCC, eu defendi que foi através do Programa de Índio, o primeiro programa de rádio indígena do país, que o Ailton encontrou a voz dele.

Esse é ele no programa de estreia, em junho de 85:

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Eu sou Ailton. Sou filho de uma pequena nação, nação Krenak, que habita a região do Vale do Rio Doce, na fronteira do estado de Minas Gerais com o Espírito Santo.*

Idjahure Terena: O Programa de Índio nasceu como um espaço pra vários povos se comunicarem, pra acomodar e juntar várias culturas num palco nacional, em prol de uma única causa.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Vamos buscar uma maneira de estar trazendo sempre aqui algum parente, algum índio que esteja ou de passagem por São Paulo, ou através de entrevistas feitas nas aldeias. Trazer um pouco da cultura indígena, um pouco da realidade dos povos indígenas para essa população urbana, que tem muito pouca informação sobre o nosso povo. É uma tentativa nossa de nos aproximarmos, de diminuir essa distância e de fazer com que nós possamos viver na medida que conhecemos cada um mais a cultura do outro e vivermos em paz.*

Idjahure Terena: De largada, o acordo que eles fizeram com a Rádio USP era de que eles iam poder falar nos próprios termos deles. Era pra ser um programa de índio mesmo.

Ailton Krenak: Eles têm todas as rádios deles, nós só temos essa. Somos uma fagulha no meio desse incêndio todo. Então nós não vamos trazer eles pra cá, pra ficar falando aqui.

Idjahure Terena: A rádio era da USP, mas o programa não passava só em São Paulo.

Ailton Krenak: Ele era retransmitido também para a Rádio Difusora, em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, para a Rádio Difusora de Santa Maria no Rio Grande do Sul... A rádio foi a ferramenta mais próxima que nós nos utilizamos para mobilizar também internamente isso que são índios em movimento. Nós pegávamos cada programa e reproduzíamos o programa inteiro numa fita cassete. E chegamos a despachar pelo correio seiscentos endereços de aldeias indígenas no Brasil. O Nordeste, a Amazônia, no Sudeste e no Sul. A gente conseguiu fazer um tremendo barulho com muito pouca ferramenta.

Idjahure Terena: Tinha depoimentos, tinha denúncias...

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *A situação do Parque Aripuanã é extremamente absurda. Apesar do governo contar com recursos vindos do programa para o Noroeste, na ordem de aproximadamente 6 milhões de dólares, essa população está morrendo.*

Idjahure Terena: Tinha denúncia com humor também... por exemplo: eles davam o “troféu John Wayne” pros maiores ofensores contra os povos indígenas no Brasil.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *O ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, é um grande concorrente do Troféu John Wayne no ano de 1985. É capaz que Mário Andreazza vá sentir inveja do tempo em que ele era o grande ganhador desse troféu, barbarizando com os índios, abrindo Transamazônica, botando hidrelétrica, fechando hidrelétrica e matando índio adoidado.*

Idjahure Terena: Mas o foco do programa era sempre trazer vozes indígenas.

Ailton Krenak: Ele foi uma experiência também formativa para quem estava, por exemplo, lá no Rio Solimões. Eu me lembro dos parentes Ticuna devolvendo para mim o sentimento deles com relação a existir um programa de rádio no Sudeste, que tocava a música deles, que botava eles no ar falando a língua deles. Eu recebia gravações que vinham das aldeias no idioma. Podia ser desde Xavante ou Ticuna ou Yanomami. Eu tinha já essa coisa de querer botar a diversidade linguística como pauta.

Penon Krahô [Programa de Índio]: *[depoimento em língua krahô]*

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Esse que tá falando aí é Penon. É um líder da nação Krahô, e que ele está expressando nessa fala aí, a importância do Koyré, a necessidade de que o Koyré esteja relacionado com o cotidiano e com a vida no Kri. O Kri é a aldeia krahô, é o centro da aldeia, é o centro da vida do povo Krahô.*

Idjahure Terena: O Programa de Índio entrou no ar em junho de 85, né. E, no ano seguinte, começou a campanha pra eleger os deputados constituintes. A União das Nações Indígenas propôs que fosse nomeada uma bancada indígena separada, que nem precisasse concorrer na campanha geral.

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *O movimento indígena tá entrando nessa, nessa Constituinte?*

Idjahure Terena: Tem um documentário da época chamado “Da UNI para a ONU”, em que o Ailton fala sobre isso.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Então, eu acho o seguinte: é fundamental que índios estejam presentes nessa assembleia, que estejam presentes nessa Constituinte. Não porque é a Nova República ou Velha República, mas porque é um direito nosso. É um direito nosso que historicamente tem sido desrespeitado. Nós reivindicamos um número de cadeiras nessa Assembleia Nacional Constituinte que permita à população indígena estar presente sem concorrer às eleições gerais. Porque seria injusto exigir que um povo de cultura diferenciada, de estágio político e econômico totalmente diverso do conjunto da sociedade brasileira, viesse a concorrer com parlamentares escolados que vão ter aí à sua disposição bilhões de cruzeiros pra fazer suas campanhas e você vai concorrer com um índio.*

Idjahure Terena: No fim, a proposta da UNI não foi aceita. Foram oito candidatos indígenas concorrendo no país todo, a maior parte pelo PT.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Se encerra essa semana a contagem dos votos nas eleições gerais, e provavelmente nós teremos grande dificuldade de confirmar deputados indígenas. Vamos contar, portanto, com um período difícil de participação e de expressão da vontade das comunidades indígenas no Congresso Nacional.*

Idjahure Terena: Álvaro Tukano, Mario Juruna, Biraci Yawanawá, Reinaldo Tikuna, Idjarruri Karajá, Marcos Terena, Augusto Xavante, Gilberto Makuxi... nenhum candidato indígena se elegeu.

Vamos só lembrar o que tava em jogo nesse debate. Porque era muita coisa. Na Constituinte, os direitos indígenas – como todos os direitos, aliás – tavam em pauta. E em perigo. E, agora, sem nenhum representante.

Dá pra dizer que toda a legislação até ali compartilhava daquela mesma ideia que eu falei lá no começo. Nas duas primeiras constituições do Brasil, não tinha nem uma linha sobre as populações indígenas. A primeira que tocou no assunto foi só em 1934 – e aí ela falava sobre a “incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”.

Silvícolas: aqueles que vêm das selvas. Que deveriam ser incorporados à comunhão nacional. Ou seja, a ideia era que as culturas indígenas iam ser absorvidas e dissolvidas até não existirem mais. Até não ter mais índio no Brasil.

E, na hora em que isso acontecesse – ou na hora em que o Estado julgava que isso tivesse acontecido –, qualquer direito sobre as terras indígenas ia deixar de existir também.

Essa, de novo, não era uma ideia nova da Constituição de 34. Ela tá por trás de todo e qualquer movimento de "ocupação" do Brasil, com origens lá em Cabral.

Só que na altura da Constituinte, o Cedi já tinha descoberto que esse projeto – que já tava dado como ganho fazia tempo... – não tinha dado tão certo assim. Aqui, de novo, o Beto Ricardo.

Beto Ricardo: A questão central é o seguinte: se os índios vão permanecer, não se justifica mais tratá-los como portadores de direitos provisórios. Nas constituições anteriores o que perpassa foi a premissa de que os índios vão desaparecer, e, se eles vão desaparecer, não tem por que você consagrar direitos permanentes para uma população que vai desaparecer. É tão simples quanto isso.

Idjahure Terena: O levantamento que começou naquele abecedário do Beto marcou presença na Constituinte. Naquela altura, ela já tinha virado o projeto “Povos Indígenas no Brasil” – não “do Brasil”, mas “no Brasil”.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Nós temos aqui, o Carlos Alberto Ricardo, que é do Centro Ecumênico de Documentação, Cedi, que trabalha na coordenação de um programa sobre levantamento de populações indígenas no Brasil. Eles estiveram todo o período de 86 acompanhando essa discussão acerca de índios constituintes e vão estar no período de 87 trabalhando na coordenação dessa campanha.*

Beto Ricardo [Programa de Índio]: *A gente tem que, de alguma maneira, cair na real e reconhecer que a composição mesma desse Congresso constituinte, é uma Constituinte francamente conservadora. Ou seja, quem está contra está articulado, sabe o que quer e tem proposta. Quem tá a favor tem uma simpatia muito genérica com a questão indígena. É uma coisa muito distante, numa ordem de prioridade, subordinada a outras grandes questões nacionais.*

Idjahure Terena: O desafio era esse: articular propostas e partir pro ataque na Constituinte. Tirar a questão indígena de segundo plano. E eles estavam remando contra uma maré bem forte.

Teve uma campanha na imprensa, sobretudo no jornal Estado de S. Paulo, que tentou pintar qualquer defesa de nações indígenas como uma ameaça à soberania brasileira.

Teve até uma CPI pra investigar o Cimi, que supostamente estaria no meio de um complô pra usar os índios pra entregar minério pra estrangeiros. E ainda teve isso aqui.

Beto Ricardo: Então, o Capítulo dos Índios, de um dia para o outro da noite, ele foi suprimido, suprimido. Os caras foram lá e cortaram e jogaram fora.

Idjahure Terena: Num dado momento, parecia que a novíssima constituição brasileira, a constituição da redemocratização, a constituição cidadã... no que dizia respeito aos indígenas, ela ia ter uma redação mais retrógrada do que a constituição de 34.

Tinha muitos manifestantes indígenas acampados do lado de fora do Congresso, mas nenhum representante dentro. Só que ainda tinha uma ferramenta que dava pra usar: uma emenda popular.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Há dois meses nós estamos colhendo assinaturas em todo o Brasil, do Rio Grande do Sul a Amazônia, colhendo assinaturas do povo brasileiro para apresentar ao Congresso Nacional essa emenda.*

Idjahure Terena: Esse é o Ailton numa gravação especial do Programa de Índio, direto da Praça da Sé em agosto de 1987. A emenda era uma proposta da UNI que ia garantir direitos permanentes pros povos indígenas no Brasil. Pra garantir que eles pudessem continuar sendo povos indígenas no Brasil.

Cachoeira [Programa de Índio]: *Nós estamos aqui, os senhores estão parados aqui. E vão analisar comigo se vocês querem participar dessa luta ou se vocês querem matar índio. Se vocês querem matar índio, taí uma faca.*

Idjahure Terena: E esse é um ator de um grupo de teatro de rua que tava ali, um tal de Cachoeira, que colocou a disputa em termos bem dramáticos.

Cachoeira [Programa de Índio]: *Se quiser a faca, é só pegar com a menina e vir matar índio. Quem quiser salvar o índio tem que assinar a proposta da Constituinte, tiver o título de eleitor aí, é só pegar e assinar a proposta.*

Idjahure Terena: No mês seguinte, aconteceu uma cena que você deve conhecer.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Eu espero não agredir, com a minha manifestação, o protocolo dessa casa.*

Idjahure Terena: O Ailton tomou a tribuna como representante da UNI – da bancada que foi impedida de estar lá. E, enquanto ele falava, ele ia pintando a cara de preto em sinal de luto – e de luta.

Essa cena ficou famosa, e eu já vi muita gente comentando que o que ele passa no rosto, era tintura de jenipapo – mas ali, na hora, o Ailton não tinha jenipapo à mão. Então, no lugar do jenipapo, o que ele passou foi delineador – de maquiagem, mesmo, de cílios. Ele me contou que as secretárias todas do Congresso se

juntaram pra doar, e ele juntou tudo num potinho pra hora da manifestação.

A imagem é ainda mais impactante porque o Ailton tá vestindo um terno branco impecável. No livro de memórias do Beto Ricardo, ele conta que a gravata branca de crochê era dele, e que o paletó era do Márcio Santilli, um dos maiores articuladores das pautas indígenas na Constituinte. Luta também é sobre imagem, e sobre improviso.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado, de jeito nenhum, como um povo que é o inimigo dos interesses do Brasil, inimigo, contra os interesses da nação, e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso.*

Idjahure Terena: Tem mais um detalhe, que eu só soube muito recentemente: é que o Ailton tava discursando prum Congresso praticamente vazio. Não tinha quase ninguém vendo aquele protesto, ouvindo aquelas palavras enquanto ele falava. Mas tinha uma câmera.

Ailton Krenak: Se naquele momento eu falava só para aquela, digamos, pequena audiência, o efeito borboleta daquele momento, ele eclodiu aquele auditório.

Idjahure Terena: A luta não acabou ali – ainda teve muitas idas e voltas, com a articulação de muitas organizações ao longo de muitos meses. Mas a imagem que ficou foi essa do Ailton.

Ailton Krenak: Apesar de toda a violência com que o Congresso brasileiro, o parlamento, atua para rasgar aquele capítulo, ele está lá. A história não vai ter como fazer sumir, desaparecer esse registro de que os povos indígenas cravaram no contrato do estado brasileiro. Um compromisso onde os direitos não são um pedido, mas eles são uma declaração de direitos.

Idjahure Terena: E o contrato que os povos indígenas cravaram na constituição de 88 foi o reconhecimento dos direitos originários – dos direitos ancestrais que antecedem o próprio Estado brasileiro.

Ailton Krenak: Uma ideia de direito consuetudinário, quer dizer, um direito originário que não são eles que nos dão, mas que somos nós que declaramos. Eu me lembro que um grande chefe Xavante, Aniceto Xavante, ele tirava da orelha dele o brinco de madeira e passava ele no lábio assim, e falava: "Essa é minha identidade". E botava na orelha de novo. Quando eu era questionado sobre um documento, ele dizia: "Esse é meu documento". Então esses anciãos, com a sua coragem, com a sua alteridade, eles inspiraram a minha geração a falar a mesma coisa. Com o Estado brasileiro, com as instituições nacionais e internacionais. Falar de um lugar onde a autoridade emana da ancestralidade.

Idjahure Terena: Dá pra imaginar, claro, um mundo em que o resultado dessa luta fosse totalmente diferente.

Ailton Krenak: Os militares iam passar o mandato agora para os paisanos e os paisanos, desde banqueiros, até latifundiários, e todo tipo de capitalista oportunista. Essa gente toda que apostou no cassino da democracia. Eles rodaram a roleta, jogaram a ficha e não prestaram atenção que a gente também estava jogando. Eu creio que foi um momento raro da história do nosso país em que a gente conseguiu se inserir, não como uma carta no baralho da integração, mas como uma reivindicação muito estranha de identidade, de diversidade, e conseguiu pôr isso em letras dentro do capítulo da Constituinte, auxiliado por muitos parlamentares conservadores.

Idjahure Terena: Hoje a gente sabe bem que a Constituição não resolveu os problemas, as ameaças que os povos indígenas enfrentavam, e enfrentam até hoje. Mas a partir da Constituição, os termos da disputa eram outros. Justamente porque aquela crença maligna, secular... ela saiu da mesa.

Beto Ricardo: A conversa mudou. Antes, os índios eram percebidos como uma categoria transitória e em extinção. Portanto, uma categoria em extinção não merece que se reconheçam direitos permanentes. É uma contradição. Os índios estavam aí, que os índios vão ficar, vão permanecer no futuro do Brasil.

Idjahure Terena: Esse de novo foi o Beto Ricardo. E em 1994, quando o Cedi se fragmentou em várias outras instituições, o Beto fez parte da fundação de uma delas: o ISA, o Instituto Socioambiental, que carregou pra frente esse projeto de mapeamento dos povos indígenas no Brasil – que é feito até hoje.

Esse mapeamento é dessas coisas tão fundamentais da nossa identidade como país, que a gente nem imagina que elas um dia precisaram ser criadas. Hoje ele tá lá, disponível no site do ISA, atualizado com frequência, pra quem precisar consultar. Mas naquele caldeirão da redemocratização do Brasil, ele dava concretude pra uma revolução que tava dando a cara naquele momento.

Tem uma formulação do Ailton que eu acho muito interessante. Ele diz que teve uma descoberta do Brasil pelos brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos índios nos anos 70 e 80. Nas palavras dele: “Os índios descobriram que, apesar de eles serem simbolicamente os donos do Brasil, eles não têm lugar nenhum para viver nesse país. Terão que fazer esse lugar existir dia a dia expressando sua visão de mundo, sua potência como seres humanos, sua pluralidade, sua vontade de ser e viver”.

Essa história que eu tô contando podia acabar aqui. Mas eu queria pedir licença pra trazer um novo personagem. Pro que talvez até seja uma outra história – mas que corre junto com essa.

Mac Suara Kadiwel: Eu lembro do Tim Maia. O Tim Maia fala: "Tudo é tudo, nada é nada". Vamos fazer agora? Alô Vitória Régia! O maestro está desafinado. Aumente o som. Desligue o som. Cadê o retorno?

Idjahure Terena: Esse é o Mac Suara.

Mac Suara Kadiwel: É legal esse nome... Kadiwel! E Terena, Pantanal do Mato Grosso.

Idjahure Terena: E o Mac Suara é o meu pai.

Mac Suara Kadiwel: Bora.

Idjahure Terena: Que você quer fazer?

Mac Suara Kadiwel: Nada.

Idjahure Terena: Hoje, meu pai trabalha com plantas medicinais, plantas que curam.

Mac Suara Kadiwel: Eu faço exposição de produtos da floresta, assim, itinerante, em praças. Eu trabalho com a história, eu dou minha

palestra... compra o meu produto quem tem intuição, que está sentindo a minha palestra.

Idjahure Terena: Uma vez eu chamei ele de “raizeiro” e ele disse: “Não sou raizeiro. Sou um pajé espiritual da selva de pedras”.

Mac Suara Kadiwel: E o camarada falou...

Idjahure Terena: Mas tem um apelido que ele aceita: Forrest Gump.

Mac Suara Kadiwel: Tupiniquim, mas eu sou.

Idjahure Terena: Ouvindo as histórias da vida dele, às vezes parece que, pelo menos nos anos 80, ele tava em todos os lugares ao mesmo tempo. Ele tava se reunindo com o Sarney e com o Davi Kopenawa. Tava brigando, junto com o Raoni, num protesto na BR-080. Tava marchando com o Chico Mendes logo antes da morte dele... E tem o lado Hollywood também. Ao longo da nossa entrevista, ele conseguiu citar encontros pessoais com três ganhadores do Oscar.

Mac Suara Kadiwel: Eu estava com o Robert De Niro. Eu estava com Ridley Scott. Conheci o grande figura pessoalmente, o Robin Williams...

Idjahure Terena: Já já eu te conto como ele foi virando um Forrest Gump.

O meu pai nasceu em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, mas saiu muito novo de lá. Numa entrevista que ele deu muito tempo atrás, ele disse que ele era fascinado com o trem que passava pela cidade. Era o Noroeste do Brasil, que ia de Bauru, no interior de São Paulo, até Corumbá, na fronteira com a Bolívia. Um dia, ele resolveu pegar o trem até o final da linha. Ele conheceu a Bolívia, depois conheceu São Paulo, e nunca mais parou de rodar pelo país.

Na verdade, eu não sei se foi bem assim. As histórias do meu pai são ótimas – mas elas mudam sempre. Talvez pra não ficar chato, nem pra quem escuta, nem pra ele que tá contando. Ele sempre teve esse dom da palavra.

Bom, fato é que em algum momento dessas andanças ele chegou no Rio, no começo dos anos 80. E não demorou pra ele ser chamado pra falar na televisão.

Era pro Dia do Índio daquele ano, uma edição especial do programa O Povo na TV, no SBT. Parece que não sobrou quase nenhuma gravação desse programa, então não dá pra saber o que é que meu pai falou lá. Mas depois da gravação, um cara chamou ele de lado.

Mac Suara Kadiwel: “Eu tenho um programa na rádio chamado Show da Tarde. De duas às seis. E eu vou convidar você para falar sobre o conhecimento de produtos da floresta chamado, chamado Medicine Man, ‘O homem da medicina da floresta’.”

Idjahure Terena: O cara queria fazer tipo um “disque-pajé” no programa dele na Rádio Tupi. E o meu pai pensou: “Por que não?”

Segundo ele, dali em diante, a maior parte dos telefonemas do programa vinham pra ele. Eu também não tenho como provar, porque, ao contrário do Programa de Índio, o acervo do Show da Tarde não sobreviveu pra contar história. Mas ele lembra como se fosse hoje.

Mac Suara Kadiwel: Aí tinha gente que ligava com dor de dente, dor de cabeça, com diabete... Falei: “Caramba! [ri] Eu, tipo assim, virei um pai de santo virtual”.

Idjahure Terena: Foi nesses trabalhos na Tupi que o meu pai foi conhecendo gente do meio artístico. E, nos corredores da rádio, ele recebeu outro convite – que ia acabar mudando o rumo da vida dele.

A Zezé Motta chamou ele pra fazer parte da produção de um filme novo do Cacá Diegues, o *Quilombo*. E, dali em diante, ele virou tipo um consultor pros filmes que tinham personagens indígenas. Até que um dia ele foi chamado pra fazer um papel ele mesmo. Aliás, foi por indicação da antropóloga Berta Ribeiro.

Mac Suara Kadiwel: Esse filme... Nada é por acaso.

Idjahure Terena: O meu pai não é só um pajé espiritual da selva de pedras. Ele também foi o primeiro ator indígena a estrelar um filme brasileiro.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: Bem, essa semana nós tivemos aqui em São Paulo o lançamento do filme *Avaeté*, de Zelito Viana, com o nosso parente Mac Suara Kadiwel, o Hugo

Carvana, a Renata Sorrah e muitos outros atores já conhecidos do público brasileiro.

Idjahure Terena: Tá aí o Programa de Índio de novo. O meu pai e o Ailton se conheceram justamente nesse lançamento em São Paulo, e viraram amigos quase que imediatamente. Quem faz a pergunta pro Ailton naquele documentário sobre a UNI, aliás, é ele.

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *O movimento indígena tá entrando nessa Constituinte?*

Idjahure Terena: O meu pai passou a aparecer no Programa de Índio com uma certa frequência.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Mac Suara, o filme Avaeté, vocês fizeram parte desse filme na aldeia dos índios Rikbaktsa, no Mato Grosso.*

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *Exatamente, Ailton. A gente ficou 70 dias filmando nessa reserva a comunidade indígena Rikbaktsa. E o pessoal, eu acho que o trabalho ficou mais rico e o trabalho ficou muito, ficou muito realista.*

Idjahure Terena: Se você for olhar o elenco do filme, além do meu pai, só tem peixe grande. Mas nessa edição do Programa de Índio em que meu pai foi dar entrevista, ele e o Ailton já tavam reclamando sobre a falta de divulgação dele.

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *Ficou em cartaz praticamente 15 dias. Quer dizer, a divulgação foi péssima, o trabalho foi assim, excelente, mas a divulgação foi muito atrasada.*

Idjahure Terena: Ou seja: você provavelmente não ouviu falar do filme Avaeté. Mas ele conta uma história importante.

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Avaeté é um filme que, embora seja ficção, ele é inteirinho construído sobre um episódio que ocorreu com os nossos parentes Cinta Larga na região do Mato Grosso.*

Idjahure Terena: A história que inspirou o filme aconteceu no final de 1963, no noroeste do Mato Grosso. Naquele tempo, os Cinta Larga tavam sendo

encurralados, atacados numa tentativa de tomar a terra deles. Chegou a ter avião sobrevoando as aldeias jogando dinamite. E, numa investida, uma expedição de pistoleiros matou praticamente uma aldeia inteira. Esse episódio ficou conhecido como "Massacre do Paralelo Onze".

O começo de Avaeté mostra uma manhã tranquila numa aldeia. Mães e pais cuidando dos filhos, meninos escalando árvores... O pessoal cozinhando, tecendo, conversando, tocando música...

E aí um avião vem vindo. Primeiro, eles jogam explosivos, incendiando a aldeia.

Depois, eles sobrevoam a clareira atirando do avião. E os pistoleiros vão caçando os sobreviventes, matando de jeitos cada vez mais cruéis. A sequência é muito difícil de assistir. E é ainda mais porque ela foi diretamente inspirada em detalhes do Massacre do Paralelo 11 retirados do Relatório Figueiredo, um documento produzido pela ditadura que documentou esse e outros crimes contra povos indígenas.

No filme, só um menino sobrevive à chacina. E ele é adotado pelo personagem do Hugo Carvana, que era o cozinheiro da expedição e não sabia que o massacre era justamente o objetivo da expedição.

Hugo Carvana: Você é magrinho, mas é pesado, hein, menino!

Idjahure Terena: O menino, o sobrevivente, se chama Avá. E – resumindo bem o filme – o Avá cresce, aprende português, e resolve ir pra cidade grande pra se vingar. O título completo do filme, aliás, é *Avaeté: Semente da Vingança*.

E quem faz o Avá adulto é o meu pai, Mac Suara Kadiwel.

No final do filme, tem uma sequência de cenas intercaladas. Num plano, tá a Renata Sorrah, que é uma jornalista que vai pra TV denunciar a violência contra os povos indígenas.

Renata Sorrah: Até quando que as pessoas vão pagar por crimes que não cometeram, enquanto os verdadeiros culpados permanecem impunes? Até quando? Até quando, meu Deus?

Operador de câmera: Não corta, não corta, não segura, Segura. Não corta.

Idjahure Terena: E no outro, tá o Avá, que tá indo matar o líder da expedição que massacrou o povo dele.

Não tem tantos filmes nacionais em que os indígenas são vingadores. Acho que é uma ideia que deve assustar. Porque se fosse olho por olho, dente por dente, a coisa ia ficar feia no Brasil.

Na vida real, o seringalista que encomendou o ataque aos Cinta Larga, no Massacre do Paralelo 11, morreu de velho. E o menininho que seria o Avá morreu assassinado.

O meu pai disse que, quando ele tava filmando *Avaeté*, ele não entendia que aquilo era baseado na realidade.

Mac Suara Kadiwel: Depois eu entendi que o Zelito me deu um livro para ler e mostrou a foto da índia cortada no meio. Eu falei: “Zelito, isso não é filme, cara. Você está falando uma coisa real”.

Idjahure Terena: Acho que nem precisava dizer, mas o Massacre do Paralelo Onze faz parte daquele contexto do "desaparecimento", entre aspas, dos índios no Brasil. Nunca foi um fenômeno natural. Sempre foi um genocídio deliberado. Um projeto que, quando não é perpetrado pelo Estado, é feito com a conivência dele. É um genocídio contínuo, que luta pra ser reconhecido. O filme, o *Avaeté*, faz parte disso.

Mac Suara Kadiwel: O Zé me disse assim: Mac Suara, um cinema maior do mundo que eu vi foi Moscou. 7000 pessoas de público numa sala de projeção. Você foi aplaudido de pé.

Idjahure Terena: Na memória do meu pai, os aplausos em Moscou tão lado a lado com o dia em que ele foi visitar uma aldeia Kayapó.

Mac Suara Kadiwel: Quando eu desci do avião na aldeia, todo o pessoal que me viu chorou. Criança, velho, idoso não sei o quê, não sei o que, e sai cantando, cantando, cantando. Eu não entendi nada daquilo.

Idjahure Terena: É que eles tinham visto o filme, e, segundo ele, tavam muito emocionados de conhecer esse grande herói vingador. Meu pai disse que o pessoal ficou procurando no corpo dele a marca do tiro que o Avá levou no filme.

Os filmes têm esse poder, né? Uma das histórias que o meu pai sempre conta é de como ele soube que ele ia ser a estrela de *Avaeté*.

Mac Suara Kadiwel: Eu nem conhecia Zelito Viana. Eu tava num outro filme que era com John Boorman, Floresta de Esmeraldas, tava em Belém do Pará filmando, quando José Possi Neto, que era um grande diretor de teatro, ele falou: “Mac Suara, eu não sabia que você era famoso”. Eu falei: “Possi, famoso nada. Estou com fome, eu tô na fila aqui do lanche”. Ele abriu o jornal, falou: “Você é o ator principal do filme *Avaeté*. Leia aqui. E me dá um abraço. Parabéns!” Eu não levei a sério, não acreditei. Até hoje tudo o que acontece na minha vida eu não acredito.

Idjahure Terena: Ele contou essa história no Programa de Índio também.

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *“Parabéns, Mac Suara, você”... Eu falei... Naquele dia eu não comi mais. Deu nervoso, me deu uma cólica danada, não consegui comer mais nada, né? Aí no filme, tudo bem, eu fiquei pensando dessa vez eu fico igual artista ficar rico, então eu ia ficar rico. Caí do cavalo.*

Ailton Krenak [Programa de Índio]: *Você ficou rico?*

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *Fiquei rico de dívidas.*

Idjahure Terena: O meu pai ficou bem conhecido, sobretudo no mundo do cinema, mas não ficou famoso, nem rico. Logo depois de *Avaeté*, ele fez um papel pequeno em *Kuarup*, do Ruy Guerra, contracenando com a Cláudia Raia... ele fez também um filme dos Trapalhões...

Mas a irrealidade dessa nova vida acabou pegando ele no contrapé. E ele foi se perdendo. Ele disse pra mim uma vez que ele ficou tão deslumbrado com o sucesso, que ele chegou a esquecer quem ele era.

Mac Suara Kadiwel: Idjahure é a única pessoa que me está tentando me entender, mas ele não entendeu ainda. Ele não sabe se eu sou tartaruga ou jabuti.

Idjahure Terena: Eu escrevi o meu TCC sobre o Programa de Índio. Mas eu fiz a minha dissertação de mestrado sobre o meu pai.

Idjahure Terena: Acho que o senhor é talvez o maior personagem. Não é porque é meu pai. Acho que você é um personagem que a vida fez.

Idjahure Terena: Meus pais se conheceram em 89, numa festinha no Morro da Urca, no Rio de Janeiro. Meu pai já tinha feito *Aveté*, já tinha muitos amigos da classe artística e morava no Rio.

Minha mãe, Isabela Achkar, tinha acabado de abandonar a carreira de bailarina e tava cursando letras. Eles tiveram um relacionamento curto, e ela engravidou de mim. E foi ela quem me criou. Meu pai sugeriu 'Idjahure', como homenagem ao Idjarruri Karajá, um daqueles candidatos indígenas à Constituinte, amigo dele que nunca cheguei a conhecer.

Crescendo com esse nome, e com um pai que me visitava de vez em quando, às vezes eu me pegava imaginando como deviam ser os índios. Em algum momento fiquei com a vaga impressão de que talvez meu pai fosse um cacique. Eu sabia que ele era ator, tinha feito filmes, mas eu nunca conseguia achar esses filmes pra assistir.

A partir dos meus treze anos, comecei a conhecer ele melhor, passar mais tempo com ele. E eu já tinha dezoito quando eu conheci a mãe dele, a minha avó Margarida. Junto com ela, eu conheci a nossa aldeia, os nossos parentes e o nosso território tradicional – do povo Terena, no Mato Grosso do Sul.

Essa minha busca pelas minhas raízes e pela minha ancestralidade foi conduzindo meu caminho. Mais tarde, eu acabei me enveredando pela antropologia.

E fui convidado também pra ser correspondente no Rio de Janeiro da Rádio Yandê – a primeira rádio web indígena do Brasil, que foi diretamente inspirada pelo Programa de Índio. Eu fui olhando pra trás pra andar pra frente. Pra entender de onde eu vim.

Mac Suara Kadiwel: A minha visão – como diz o meu amigo Davi Kopenawa Yanomami: “Eu sou índio. Eu nunca vou deixar de ser índio”.

Idjahure Terena: Esse depoimento do meu pai que você tá ouvindo aqui, a gente gravou em março de 2024. Ele tem feito mais filmes nos últimos anos, sobretudo com o Neville D’Almeida. Mas quando a gente gravou com ele, ele tava fazendo a novela das nove, *Renascer*. O personagem dele era o Chico das Mortes.

Mac Suara Kadiwel: É uma sombra que ele perambula, mas não é nada. Ele anda perdido, assim. Mas ele é o que ele acha que é.

Idjahure Terena: Pela primeira vez em quase quarenta anos de carreira, o meu pai não tava fazendo um personagem indígena.

Mac Suara Kadiwel: Esse personagem, assim... não tem nada a ver com índio, não tem nada a ver da história toda.

Idjahure Terena: O Chico é um velho matador que morre do coração logo depois da filha dele se casar com um outro assassino de aluguel.

Mac Suara Kadiwel [Chico das Mortes]: *Você casa com a minha filha com a minha bênção depois que trazer aqui a cabeça do maldito que encomendou a alma do seu Zé Inocência.*

Idjahure Terena: Quem fez esse papel na primeira versão da novela foi o Grande Otelo, já no fim da vida. Outro ator que foi pioneiro no cinema brasileiro e que também sofreu as consequências disso.

Grande Otelo [Chico das Mortes]: *Desse eu não quero ouvir mais nada. Tem cheiro de morte.*

Mac Suara Kadiwel: O Chico é um teimoso. Ele morre na solidão.

Idjahure Terena: Meu pai também é um teimoso. Pro bem e pro mal. Tem hora que eu sinto que eu é que tenho que ser o pai dele. Mas, nos últimos anos, eu tenho me dedicado a entender ele. A construir essa relação. A tecer esse tecido entre a gente.

Mac Suara Kadiwel: Quando você começa a costurar uma roupa, você pega a agulha, pega a linha... Então você tem que entender onde começa a ponta e onde termina outra.

Idjahure Terena: Tem uma frase bonita do meu pai numa entrevista ao Programa de Índio, logo depois do lançamento do *Avaeté*.

Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]: *Quem tem uma força de vontade, como a gente, tem de sobreviver até 85, como já não era para a gente de restar nenhum índio no mundo. Aliás, no Brasil... A gente suporta essa vida. Então acho que a gente vai suportar correr atrás dessa luta.*

Idjahure Terena: O Programa de Índio deixou de ser transmitido em 1990.

Mas as falas dele continuaram a ecoar por muito tempo. Lembra que os programas eram gravados em fitas e mandados pra aldeias Brasil afora? O Ailton contou que muitos anos depois do fim do programa, chegou até ele uma história. Um conhecido dele foi numa aldeia, ele já não lembra quando...

Ailton Krenak: Alguém chega numa aldeia, a fita cassete está tocando. E a pessoa fala: "Vocês tem esse programa?" Aí ele fala: "A gente tem uma fita cassete que vocês mandavam para a gente. E a gente guarda ela tá aqui, a hora que a gente quer, a gente põe ali, toca de novo". Olha, olha a duração da experiência. Uma fita cassete que foi mandada em 86, 88, 87 para a aldeia, tá viva num acervo, em algum lugar, em alguma aldeia onde o pessoal toca o Programa de Índio. É tipo assim: [canta] "Essa é pra tocar no rádio, essa é para tocar no rádio!"

Eu acho que ajudou na minha formação ampla, a experiência do Programa de Índio. Mas ele também ajudou a uma constelação de pessoas vivendo em aldeias Krahô, Tikuna, Macuxi, Suruí, Guarani, Terena, Kaingang a se espelharem. A olhar e dizer: "Tem um programa de rádio que tem a coragem de se auto nomear Programa de índio". Quer dizer, a gente tirou essa expressão do lugar pejorativo. Isso é um Programa de índio que é na praia, quando chove, sei lá. A gente resgatou a poética da expressão. Diante das mudanças climáticas e dessa desordem ecológica que o planeta vive, "programa de índio" pode ser uma das janelas de percepção de outros mundos. Programa de índio é a melhor coisa que alguém pode fazer.

Idjahure Terena: O Ailton me contou uma história do meu pai que resume um pouco tudo isso que a gente tá falando.

Ailton Krenak: O Mac Suara, com 20 e poucos anos, ele derrubava quarteirão, né. Andava na areia, parecia que estava na passarela. Numa dessas, ele estava numa manhã dessas por Ipanema. E uma mamãe tipo garota de Ipanema, andando com o filhinho, e dá de cara com o Mac Suara na praia. E aí ela chama a atenção do filhinho dela e fala assim: "Olha, filhinho, um índio". E os dois vão abordar o Mac Suara. E chega perto do Mac Suara e ela fala: "Ele nunca viu um

índio". Aí o Mac Suara fala assim: "Oi, garotinho!" Aí ele grita: "Nossa, ele fala!"

Idjahure Terena: Um índio que fala. Um índio que consegue contar a própria história, nos seus próprios termos.

Ailton Krenak: Quer dizer: é gente. "Ele é gente, ele é uma pessoa".

***Ailton Krenak [Programa de Índio]:** Quero agradecer ao Mac Suara por ter feito aqui esse programa junto comigo. Obrigado Mac Suara.*

***Mac Suara Kadiwel [Programa de Índio]:** Muito obrigado a você. Obrigado, ouvinte, bye-bye. Até a próxima.*

Branca Vianna: Esse foi o Idjahure Terena.

Essa história foi produzida com apoio do Instituto Socioambiental, o ISA. Há 30 anos, o ISA trata meio ambiente e pessoas de forma integrada, e luta em defesa dos direitos de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades tradicionais nos corredores de Brasília, nas aldeias e nas comunidades.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você já sabe: no site da Rádio Novelo tem sempre material extra dos episódios aqui do Apresenta. E, no post desse episódio, tem o link pro acervo do *Programa de Índio*, do Ailton Krenak, e pro *Avaeté*, o filme dirigido pelo Zelito Viana com o Macsuara Kadiwel.

Lembrando que a gente tá no Instagram e no Twitter, no @rádionovelo. Você pode seguir a gente por lá, e também na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio. Dá pra deixar um comentário sobre o episódio, tanto nas nossas redes, quanto na Apple quanto no Spotify.

Pra falar com a gente, é só marcar a gente nas redes, ou mandar email pro apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira e a Carolina Moraes.

A Ashiley Calvo é a produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Ana Rita Cunha.

A montagem e desenho de som é da Mariana Leão.

A mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Arthur Kunz, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.

Ailton Krenak: Alô, alô, alô, Baixada Fluminense! Agora nós estamos aqui nesse broadcasting. A sua broadcasting. E hoje nós temos pão de queijo. E um café maravilhoso também.

Idjahure Terena: [ri]

Ailton Krenak: Estamos começando o programa de Índio.